



Adriana Demite Stephani  
(Organizadora)

# Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : uma nova agenda para a emancipação / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação. Uma Nova Agenda para a Emancipação; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-738-3 DOI 10.22533/at.ed.383192310</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Stephani, Adriana Demite. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2” é um mosaico de abordagens, olhares e narrativas sobre a educação brasileira. De caráter *pluri*, é composta por 2 volumes contendo 23 artigos cada, reunindo ao todo 46 textos que discutem, refletem e apresentam práticas de pesquisadores e docentes de diferentes estados e instituições, tanto brasileiras quanto internacionais.

objetivo da obra é apresentar um panorama das diversas e importantes pesquisas pelo país a partir de inúmeros aspectos da educação, desde processos históricos de constituição, desafios, enfrentamentos e ações na/para a formação docente, perpassando por reflexões sobre a educação como instrumento para a formação crítica e como processo inclusivo, como também apresentando possibilidades reais de atuações em sala de aula através dos relatos das práticas docentes.

O volume I inicia com 6 artigos que refletem o perfil docente do Século XXI diante dos novos paradigmas para a formação de professores e as reais condições do exercício docente em nosso país, refletindo sobre aspectos curriculares e enfrentamentos nessa formação. A esses primeiros textos, seguem-se outros 3 textos que trazem um olhar também sobre o perfil, o papel e a importância de gestores e coordenadores na Educação Básica. E, a Educação Básica é linha condutora dos 13 demais artigos que exploram diferentes aspectos educacionais como a inserção de temáticas pouco exploradas em sala de aula, assim como, práticas docentes envolvendo diferentes ferramentas e explorando os recursos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a partir de pesquisas realizadas, como também através de relatos de trabalhos com jogos e oficinas em sala de aula.

Os 5 textos iniciais do Volume II abordam aspectos históricos da educação, trazendo pesquisas, apresentando processos históricos constituintes de espaços escolares e de processos de escolarização, tanto de educação básica como superior, que narram alguns momentos, entre tantos, da histórica da educação brasileira. Seguem-se a esses, outros 9 capítulos que possuem como linha conectiva a formação crítica e emancipadora através do processo educativo em diferentes frentes, espaços e abordagens teóricas. Os 8 capítulos restantes refletem sobre o processo de inclusão, os enfrentamentos da educação especial, a questão da saúde dos profissionais da educação, os dilemas da relação família-escola, a necessidade de escuta na educação infantil e a importância de reflexões sobre a sexualidade juvenil.

Essa diversidade de temáticas e pesquisas apresentadas na obra demonstra os múltiplos olhares e enfrentamentos da educação do país e a necessidade de aprofundamento e reflexão constantes.

Convidados o leitor para essa reflexão!

Adriana Demite Stephani

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O PERFIL DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI	
Jacqueline de Sousa Batista Figueiredo	
Eliana Conceição Sanguino	
Giovana Leticia Leal	
Julia Gonçalves Moreira	
Leonardo de Paula e Silva Filho	
Najara Roberta Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR: UM TESOURO VALIOSO	
Alexandra Bezerra de Sousa Gonzaga	
Jovina da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
DESVELANDO O COTIDIANO DE MÃES UNIVERSITÁRIAS	
Rayany Mathias da Silva	
Angela Maria Caulyt Santos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: IMPLICAÇÕES E IMPACTOS NA PEDAGOGIA	
Adelcio Machado dos Santos	
Joel Bonin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O DOCENTE NO ENSINO DE QUÍMICA: ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DE QUÍMICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DA BAHIA	
Ademilson de Jesus Silva	
Amanda Maria Rabelo Souza	
Claudia Santos da Silva	
Davyd Lucas Lima Pereira	
Tarcísio José Maciel Passos Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA NO PROJETO LÍNGUAS NO <i>CAMPUS</i>	
Karina dos Reis Costantin	
Gabriel Salinet Rodrigues	
Roséli Gonçalves do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: UM ESTUDO DA PRÁXIS DO GESTOR	
Rizolanda Luiza Vauthier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3831923107</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO AMBIENTE ESCOLAR

José Roberto Alves Bezerra  
Ellis Rejane Barreto  
Gláucia Aline de Andrade Farias  
Juliana Cristiane Câmara  
Maria Aparecida Moura  
Marilene Ambrósio da Silva  
Allysson Lindálio Marques Guedes  
Magnólia Meireles da Silva  
Jobson Magno Batista de Lima  
Rafael Batista de Souza  
Carpegiane Alves de Assis  
Leilson de Oliveira Augusto

**DOI 10.22533/at.ed.3831923108**

**CAPÍTULO 9 ..... 97**

PROFILE OF YOUNG AND ADULT EDUCATION PEDAGOGICAL COORDINATOR (EJA)

José Roberto Alves Bezerra  
Gláucia Aline de Andrade Farias  
Maria da Guia de Souza Martins  
Marilene Ambrósio da Silva  
Allysson Lindálio Marques Guedes  
Marta Jussara Bezerra da Silva  
Magnólia Meireles da Silva  
Jobson Magno Batista de Lima  
Rafael Batista de Souza  
Carpegiane Alves de Assis  
Leilson de Oliveira Augusto

**DOI 10.22533/at.ed.3831923109**

**CAPÍTULO 10 ..... 109**

ENTENDENDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA ESTRUTURAÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS DE PROFESSORES

Thayana Carpes

**DOI 10.22533/at.ed.38319231010**

**CAPÍTULO 11 ..... 117**

SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PICOS-PI: PROBLEMATIZAÇÃO E PRESSUPOSTOS INVESTIGATIVOS

Karielly Mayara de Moura Leal  
Luiz Sanches Neto  
Luciana Venâncio

**DOI 10.22533/at.ed.38319231011**

**CAPÍTULO 12 ..... 126**

LÍNGUA ESTRANGEIRA: A FASE MAIS FAVORÁVEL PARA A APRENDIZAGEM E OS RECURSOS ADEQUADOS PARA A CONTRIBUIÇÃO NESSE PROCESSO

Marcio José Pereira  
Edson José Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.38319231012**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>138</b>
TRABALHO, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO: COMO ENFRENTAR AS DESIGUALDADES?	
<a href="#">Maria Luiza Nogueira Rangel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>147</b>
CONSTRUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LANÇAMENTO DO DISCO ENVOLVENDO AS MÍDIAS	
<a href="#">Amanda Simões Martins</a>	
<a href="#">Kairam Ramos Rios</a>	
<a href="#">Rodrigo Constantino de Melo</a>	
<a href="#">Nestor Rossi Junior</a>	
<a href="#">Ígor Schardong</a>	
<a href="#">Luiz Fernando Cuozzo Lemos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>151</b>
MEANINGFUL GAME: UM OLHAR SOBRE O USO DE JOGOS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Marcone Hilton de Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
ESTUDO DE ARQUÉTIPOS APLICADO AO JOGO <i>SAY BYE TO THE VILLAINS</i>	
<a href="#">Marcelo Satoshi Taguchi</a>	
<a href="#">Letícia Hanae Miyake</a>	
<a href="#">Victor Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
PROPOSTA DE OFICINA DE QUADRINHOS: O APRENDIZADO DE UMA LINGUAGEM MULTIMÍDIA	
<a href="#">Eduardo Elisalde Toledo</a>	
<a href="#">Marcelo Magalhães Foohs</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
SITE DE CURADORIA EM JOGOS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA	
<a href="#">Daiana Aparecida Fontana Cecatto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>204</b>
PROJETO DIDÁTICO ARTE NATUREZA	
<a href="#">Thassyane Peres Tassinari</a>	
<a href="#">Eleusa Maria Ferreira Leardini</a>	
<a href="#">Glaucia Mariana da Silva</a>	
<a href="#">Maria de Fatima Silveira Polesi Lukjanenko</a>	
<a href="#">Millaany Felisberta de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231019</b>	



<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>212</b>
METODOLOGIAS ATIVAS COMO RECURSO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE ADULTOS EM ESCOLA TÉCNICA PÚBLICA DE SANTA MARIA/ RS	
<p>Janaína de Arruda Carilo Schmitt  Juliane Praposqui Marchi da Silva  Leila Maria Araújo Santos  Lubia Telma Garcia Wustrow Souza  Tiago Saidelles</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>219</b>
ÑE'É PORÃ – A PALAVRA-ALMA QUE IMPULSIONA AS RELAÇÕES INTERCULTURAIS NA ESCOLA	
<p>Fátima Rosane Silveira Souza</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
A IMPORTÂNCIA DO TREINAMENTO DE PRIMEIROS SOCORROS PARA DOCENTES DA REDE INFANTIL DE ENSINO	
<p>Andreza Halax Rebouças França  Juliany Ingridy Silva de Medeiros  Kellyson Lopes da Silva Macedo  Pablo Ramon da Silva Carvalho  Maria Josielly Do Nascimento Santos  Islayane Nayara Batista Barbosa  Gabriele de Araújo Costa  Aline Cristiane De Oliveira  Deborah Beatriz Silva Costa  Moisés de Oliveira Freire  Vinicius Costa Maia Monteiro  Wesley Queiroz Peixoto</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>239</b>
PERFIL INTERNACIONAL EN LA FORMACIÓN DEL MÉDICO COLOMBIANO	
<p>Cabrales Vega Rodolfo Adrián</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.38319231023</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>246</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>247</b>

## LÍNGUA ESTRANGEIRA: A FASE MAIS FAVORÁVEL PARA A APRENDIZAGEM E OS RECURSOS ADEQUADOS PARA A CONTRIBUIÇÃO NESSE PROCESSO

**Marcio José Pereira**

Escola Estadual Arthur Ramos - Ensino Fundamental

Engenheiro Beltrão - Paraná

**Edson José Gomes**

Universidade Estadual de Maringá - UEM  
Maringá - Paraná

**RESUMO:** Quando os pais decidem que a aprendizagem de língua estrangeira (LE) é importante para os filhos, algumas dúvidas podem surgir, como, por exemplo: qual fase da vida é mais propícia para iniciar a aprendizagem visando a alcançar excelente competência linguística, entre outros questionamentos. O objetivo deste trabalho é identificar qual a idade oportuna para o ingresso no processo de ensino e aprendizagem de uma LE e quais são os recursos didáticos a serem utilizados pelo docente neste processo. A pesquisa teve a abordagem do tipo descritiva, em que os conteúdos para alcance dos objetivos foram obtidos pela coleta de dados por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, sendo as hipóteses validadas mediante a análise do suporte teórico. Os resultados evidenciam que o momento favorável para a introdução da aprendizagem de uma segunda língua compreende os dez primeiros anos de vida e a fim de que esse processo tenha êxito é

necessário que o insumo seja intensamente reforçado e que o ambiente onde as crianças estejam inseridas propicie o desenvolvimento de atividades que envolvam, ao máximo, a oralidade e práticas lúdicas em LE, contribuindo, assim, para a fluência que possibilitará melhores oportunidades no atual contexto sócio-educativo globalizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança, Ensino e Aprendizagem, Língua Estrangeira

**FOREIGN LANGUAGE: THE MOST FAVORABLE STAGE OF LIFE TO LEARN AND THE APPROPRIATE RESOURCES TO CONTRIBUTE IN THE PROCESS**

**ABSTRACT:** Whenever parents decide that learning a foreign language is important for their children, some questions may arise, including: Which stage of life is most successful regarding starting to learn a foreign language in order to achieve excellent linguistic competence? The purpose of this work is to identify the most suitable stage of life for the beginning of the teaching and learning process of a foreign language and what are the didactic resources to be used by the teacher in this process. The research had the descriptive approach, in which the contents for the achievement of the goals were obtained by the collection of data through

bibliographical and document researches, being the hypotheses validated through the analysis of the theoretical support. The results show that the most favorable moment for the beginning of learning a second language comprises the first ten years of life and, in order for this process to succeed, it is necessary that the input is intensively reinforced and also that the children are inserted in an environment that allows the occurrence of activities that involve a lot of orality and playful practices in the foreign language, thus contributing to the fluency that will allow better opportunities in the current globalized socio-educational context.

**KEYWORDS:** Childhood, Teaching and Learning, Foreign Language

## 1 | INTRODUÇÃO

Os impactos da globalização em relação ao desenvolvimento pessoal e profissional impuseram a necessidade de se dominar a língua inglesa, pois ela é empregada em todo o mundo na comunicação em viagens, nos estudos, nos negócios e nas ferramentas tecnológicas. No âmbito do mercado de trabalho, o inglês tornou-se atributo indispensável para a conquista da maioria das vagas de nível universitário. Assim, pode-se destacar que:

Aprender a Língua Inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma torna-se tão necessário para a vida atual que para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da Medicina, da Eletrônica, da Física, etc., temos de saber falar Inglês. (PAIVA, 1996, p.19)

De acordo com Souza, Ministro da Educação e do Desporto, ao apresentar aos professores do Ensino Fundamental os Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua estrangeira, já sinalizava as novas necessidades do mercado de trabalho aos jovens iniciantes, enfatizando que: “Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, onde os progressos científicos e os avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho” (1998, p.5).

Preocupados com a formação educacional e profissional dos filhos quando alcançarem a maioridade, os pais procuram definir as melhores estratégias educacionais que contribuirão para o desenvolvimento a curto, médio e longo prazo de suas crianças desde a infância até a fase adulta.

Dessa forma, quando os pais escolhem que a aprendizagem da língua inglesa será importante para a vida adulta de seus filhos, surgem algumas indagações, tais como: qual fase da vida é mais propícia para iniciar a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) a fim de que o indivíduo seja competente e tenha um desempenho adequado na fala? Quais os recursos didáticos a serem utilizados para as etapas da aprendizagem de uma LE? Aos pais que desejam uma aprendizagem sólida de uma LE até que seus filhos se tornem adultos, qual deve ser o modelo para início do ensino/aprendizagem de uma segunda língua, o das escolas públicas ou das

privadas? Qual é o avanço/vantagem para o ingresso no mercado de trabalho aos jovens que dominam uma segunda língua?

Nesse sentido, são demonstradas, ao longo deste trabalho, as teorias que tratam da melhor idade para introdução no processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua, das técnicas, dos recursos didáticos e metodológicos de acordo com as faixas etárias, bem como das contribuições para formação e desenvolvimento pessoal e profissional àqueles que dominem uma língua estrangeira, neste caso, o inglês.

## 2 | A IDADE MAIS FAVORÁVEL PARA A APRENDIZAGEM DE LE

É senso comum de que existe um “período crítico” (critical period), em que indivíduos mais jovens apresentam melhores condições para a aprendizagem de uma segunda língua. Originária do cognitivismo, as ideias referentes a essa teoria foram lançadas inicialmente por Penfield e Roberts em 1959, sendo acolhidas e divulgadas, posteriormente, por Lenneberg e Chomsky nos anos de 1960. A hipótese pleiteia, conforme o próprio nome, que existe um período no qual a aquisição de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, é mais favorável para o aprendizado, uma vez que tal processo é sustentado por suportes biológicos.

Conforme os autores, essa fase é compreendida desde o nascimento da criança até aproximadamente os dez anos de idade, ou seja, anteriormente ao desencadeamento da puberdade, fase em que ocorre o início de perda de plasticidade cerebral. Passado esse momento, segundo a hipótese, a capacidade para adquirir uma segunda língua “de maneira bem-sucedida” ficaria sensivelmente prejudicada.

Segundo Lightbown & Spada (1999, p.15), Chomsky acrescenta que: “que as crianças são biologicamente programadas para desenvolver uma língua na infância da mesma maneira que o desenvolvimento de outra função biológica”. O fato de desenvolver uma língua é para ele como o ato de aprender a caminhar, tendo para isso um período determinado para acontecer. Conforme Chomsky, a aquisição de uma língua é inata ao aprendiz, o qual nasce pré-disposto a adquirir uma língua. Porém, lembram Lightbown & Spada, (*op.cit.*, p.16), da necessidade de que o ambiente onde este aprendiz está situado lhe ofereça base e condições, aí sim este desenvolverá uma língua.

Pontos positivos em relação a essa hipótese são descritos em estudos de Snow e Hoelfnael (1978) abordados em Trevisan (2010), de Asher e Garcia (1982) e de Jensen (1998) abordados em Pires (2001), além dos desenvolvidos por Lenneberg (1967) que tratam, especialmente, do êxito na aquisição de padrões de pronúncia semelhantes a falantes nativos em comparação com a capacidade dos mesmos padrões por aprendizes adultos. Consoante esses estudos, quanto mais cedo ocorrer o contato do aprendiz com a LE, mais adequada será sua pronúncia.

Durante o desenvolvimento e crescimento da criança, sua capacidade de assimilação aumenta, organizando melhor e construindo cada vez mais conhecimento. Didonet (2000, p.39) acrescenta acerca da necessidade de se educar desde a primeira infância:

Se a inteligência se forma a partir do nascimento e se há “janelas de oportunidade” na infância quando um determinado estímulo ou experiência exerce maior influência sobre a inteligência do que em qualquer outra época da vida, descuidar desse período significa desperdiçar um imenso potencial humano.

Assim, pode-se considerar que a aprendizagem de uma LE o quanto antes na fase infantil, contribuirá para o desenvolvimento de automatismos na realização adequada dos fonemas ou na entonação, colaborando para fluência de uma determinada língua, sendo sustentado por Mackey (1983) que, quanto mais velho o aprendiz, tanto menos flexibilidade existe para a aprendizagem de novos automatismos.

Brewster, Ellis e Girard (2002, p.27-28) detalham que é inegável a rápida velocidade de aprendizado geral e não específico de elementos linguísticos, demonstrada por crianças em comparação a outras faixas etárias, porém, destacam que essa mesma velocidade se mantém no que se refere ao esquecimento desse aprendizado.

Halliwell (1992, p.3-8) cita algumas características infantis típicas e favoráveis à oferta de língua estrangeira para crianças, tais como: a capacidade apresentada pelas crianças de compreender o significado de textos, sem focar-se em itens linguísticos isoladamente; a capacidade de criação, mesmo com uma linguagem limitada; a capacidade de aprender de forma indireta; o filtro afetivo favorável, por conseguirem divertir-se com o aprendizado; a capacidade imaginativa e a disposição para interação. Assim, merece destaque o posicionamento de Ellis (*apud* ANTONINI, 2009, p.37), segundo o qual o ensino de LE para crianças pode servir como “um instrumento de quebra de barreiras culturais e de desenvolvimento (meta) cognitivo, afetivo, social, cultural e intercultural, proporcionando à criança consciência linguística através da comparação da língua estrangeira com sua língua materna”.

Ademais, Mackey (*apud* Figueiredo, 2009, p.39) resume com propriedade o significado do aprendizado de segunda língua: “o aprendizado de uma língua na infância é um processo inevitável; o aprendizado da segunda língua é uma conquista especial”.

De acordo com as contribuições de diversos autores, até então verificadas, fica explícito que a faixa etária mais propícia para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira deve ocorrer nos primeiros anos da infância, estendendo-se até por volta dos dez anos de idade.

## 2.1 Técnicas, metodologias, recursos e materiais didáticos para o ensino/aprendizagem de le

Abordadas as teorias e estudos que demonstram os aspectos positivos do ensino/aprendizagem na infância, há a necessidade de se destacar a forma em que ocorrerá esse processo. Para Moon (2005, p.31), uma das razões pelas quais a atividade de ensinar LE para crianças difere do ensino voltado às demais faixas etárias é justamente o fato de o trabalho com crianças exigir, por parte do profissional, capacidade para motivar o público aprendiz a um aprendizado “despropositado”. De acordo com a autora, com base em Nikolov (*apud* MOON, *op.cit.*, p.31), as crianças por si só não são capazes de compreender o que é aprender uma LE e, muito menos, a importância de tal aprendizado.

Antonini (2009, p.30-31) acrescenta, com base em Brown (2001) e em Moon (2000), respectivamente, a existência de atenção com foco periférico como sendo típica da infância, bem como a tendência à interação constante apresentada pelas crianças, comportamentos esses que interfeririam em aulas tradicionais. Na linha de problematização de metodologias de ensino tradicionalistas, a autora chama a atenção para a menor capacidade de uso da metalinguagem demonstrada pelas crianças, bem como pela ausência, por parte dos aprendizes, de foco em palavras em detrimento de situações.

Conforme já apontado anteriormente por Brewster, Ellis e Girard (2002, p.27-28), a alta velocidade de esquecimento por parte das crianças, quando comparadas aos adultos, aponta para a necessidade de reforço de insumo nas aulas de LE para crianças. Então, percebe-se que o aprendizado infantil é marcado por idas e vindas de conhecimento, devendo ser enfatizada a importância da retomada de conteúdos e da exposição frequente do aluno ao insumo.

Nesse sentido, a oralidade, considerada como relevante competência no ensino da língua-alvo, nas palavras de Consolo (2000, p.60-65), destaca-se como uma fonte de insumo, primordial e indispensável, o seu intenso uso no ensino de inglês como língua estrangeira para crianças, pois esse público infantil, especialmente os mais novos, por ainda não terem se apropriado do sistema escrito da língua materna (LM), apresenta maior desenvolvimento na modalidade oral de sua primeira língua.

Isto garante que a referida modalidade desempenhe um papel primário enquanto mediadora da aprendizagem da língua estrangeira por crianças em detrimento da escrita ou de outras práticas de letramento, tendo em vista que eles ainda se encontram em processo de alfabetização em sua LM, concretizando-se a prática escrita apenas na adolescência, de acordo com Cameron (2001, p.66-67). Tal afirmativa é reforçada novamente por Consolo (2000, p.65) ao afirmar que, o papel desempenhado pela oralidade é fundamental nas relações humanas e pedagógicas vividas em sala de aula.

A utilização da fala facilitadora e, por extensão, da LM nas aulas não se configura

em elemento prejudicial (MACHADO, 1992, p.295-296), porém, é desejável que haja uma dosagem, um equilíbrio dessa fala nas aulas de LE de modo a se oportunizar ao aluno maior contato com amostras significativas da língua-alvo (CONSOLO, *op.cit.*, p.65), especialmente àquele discente que não possui recursos diversificados de trato com o idioma fora do ambiente escolar.

Para os autores Krashen e Terrel (1983, p.56), o professor deve utilizar, sempre que possível, a língua-alvo e quando o fizer, deverá articular claramente as palavras, utilizar vocabulário mais conhecido do aprendiz, menos gírias e expressões específicas da língua, além de simplificar sintaticamente as sentenças, fazendo-as mais curtas.

Vygotsky (2001, p.17), complementa ao afirmar que o desenvolvimento da linguagem tem origens sociais externas nas permutas comunicativas entre criança e adulto. No entanto, essas estruturas construídas socialmente pela criança dependem das respostas de outras pessoas, sejam de incentivo e de reconhecimento do adulto pela criança, firmando-se assim como sujeito da linguagem e não como agente passivo.

Em relação às atividades propostas para o processo de ensino de LE para o público infantil, ressalta-se a aplicabilidade das atividades lúdicas como práticas educacionais. Conforme Cook (1997, p.224-231), o lúdico está presente tanto na vida das crianças quanto dos adultos por meio das diversas formas de ficção que ocupam espaços nas atividades humanas, tais como: filmes, propagandas, piadas, literatura, entre outras. No entanto, na educação das crianças é que se há maior adesão a ideia de organizar a aprendizagem em torno das atividades lúdicas.

Ainda de acordo com o autor, “brincar” com a linguagem pode ser dividido em duas modalidades, correspondentes aos níveis formal e semântico. No tocante ao nível formal, há o “brincar” com os sons para se criar padrões de ritmo e o “brincar” com estruturas gramaticais para se criar paralelismos e padrões. Já no nível semântico, há o “brincar” com unidades de significado, combinando-as de modo a criar mundos que não existem, o mundo da imaginação, da fantasia. Ambos os tipos devem estar presentes no ensino infantil.

O linguista americano Krashen, que trouxe ao ensino de línguas uma abordagem psicológica com contribuições de Vygotsky dentro da psicologia educacional, propõe também o ensino lúdico, com base numa comunicação criativa e do estreitamento das relações com a criação do vínculo afetivo entre professor e alunos.

Ao professor que trabalha a língua inglesa nas séries iniciais, de acordo com Cameron (2001, p.XII) precisa conhecer as necessidades específicas das crianças, entender como elas compreendem o mundo e como elas aprendem. Assim, é possível observar que o público infantil no processo de aprendizagem de uma LE carece de distintas abordagens dos profissionais, da ambientação e do material adequado para cada faixa etária.

## 2.2 Contribuições sócio-culturais e profissionais àqueles que são introduzidos na aprendizagem de uma língua na infância

A língua inglesa, idioma de suma relevância da sociedade contemporânea, tem sido referenciada por Siqueira como “(...) o latim dos tempos modernos”. Tal destaque deriva-se do relevante número de falantes dessa língua no contexto mundial, conforme detalha sequencialmente o autor:

Atualmente, o inglês é a língua nativa de mais de meio bilhão de pessoas oriundas tanto do centro quanto da periferia do globo. É a língua mais falada do mundo por não-nativos e, provavelmente, o único idioma que possui mais falantes não-nativos que nativos. São três falantes não-nativos para cada falante nativo (2005, p.14).

A fim de melhores níveis de proficiência, maior tempo de convivência e aprendizagem desse idioma muitas famílias tem direcionado e incentivado seus filhos a aprender inglês em escolas particulares em momento anterior à oferta obrigatória das escolas brasileiras, qual seja, a partir do Ensino Fundamental II (6º ano) conforme estabelecido pela Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que alterou o Art. 26 – § 5º da LDB de 1996.

Além disso, Gimenez (2006, p.251-266) ressalta a influência do mercado na delimitação da língua inglesa enquanto língua estrangeira “necessária” de ser aprendida/ensinada e destaca o caráter positivo de tal oferta por impulsionar sua inclusão no currículo escolar.

Kumaravadivelu (2006, p.131) considera o inglês como a “língua da globalização” e destaca com base no “United Nations Report on Human Development” (1999), as mudanças propiciadas pelo fenômeno no mundo contemporâneo. Segundo o autor, as distâncias espacial e temporal têm sido diminuídas, bem como fronteiras diluídas, possibilitando, assim, o estabelecimento de uma interligação intensa e imediata das vidas econômicas e culturais de pessoas do mundo todo. Dessa forma, a comunicação desempenha um papel fundamental em tal processo, uma vez que, segundo o mesmo autor, ela seria responsável pela alta velocidade e pela ampla abrangência do crescimento econômico e das mudanças culturais ocorridas.

Ademais, a aprendizagem da língua inglesa contribui para o processo educacional de forma ampla, indo além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas, proporcionando maior consciência sobre o funcionamento da LM e sobre nossa própria cultura, além de desenvolver a percepção dos aprendizes sobre a natureza da linguagem, pois na medida em que se amplia a visão de mundo, há também a construção do respeito às diferenças entre comunidades ou grupos sociais com suas diversas maneiras de se olhar para o mundo.

Conforme afirma Vygotsky (1998, p.110), a aprendizagem é permanente na vida do ser humano e não apenas uma particularidade da infância, e é por meio da relação com o outro que o processo de aprender se desenvolve e se intensifica,



sendo a linguagem o instrumento mediador da interação.

### **3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A delimitação do objeto de estudo deste trabalho iniciou a partir do segundo semestre do ano de 2018, tendo sido tal temática derivada de interesses e dúvidas, deste pesquisador, no tocante à “melhor idade” para ingresso no processo de ensino e aprendizagem de uma LE, além de procurar identificar as melhores práticas didático-pedagógicas necessárias que devem ser implicadas nesse processo de acordo com as diferentes faixas etárias.

Metodologicamente, a pesquisa adotou a abordagem do tipo descritiva, em que os conteúdos para alcance dos objetivos derivaram-se por meio da coleta de dados em pesquisas bibliográficas e documentais, sendo as hipóteses validadas consoante o referencial teórico que dá suporte ao trabalho.

No decorrer deste trabalho, foram utilizados documentos originados de fontes primárias (material da época estudada escrito pelos pesquisadores) e fontes secundárias (obras de apoio) a respeito do tema, além de outros dados e informações oriundas dos materiais resultantes de buscas no Scielo (Scientific Electronic Library Online) e no Google Acadêmico, sites confiáveis de materiais científicos, bem como em bibliotecas físicas da Universidade Estadual de Maringá - UEM e Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

### **4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Inicialmente, pode-se afirmar que os resultados obtidos mediante a análise da literatura consultada, que trata do conteúdo objeto deste artigo, revelam que de acordo com a teoria cognitivista a fase da vida indicada para o início da aprendizagem de uma LE é aquela compreendida desde o nascimento até os dez anos de idade, momento considerado biologicamente vantajoso. Tal premissa originada e fundamentada por Wilder Penfield e Lamar Roberts no final da década de 50 teve como principais adeptos Eric Lenneberg e Noam Chomsky logo no início dos anos 60.

Pesquisadores e estudiosos, já referenciados neste artigo, que consideram o “período crítico” como importante hipótese para desenvolver a aprendizagem de LE nos primeiros anos de vida, acreditam que o indivíduo que se beneficiar desse período aprenderá uma segunda língua de maneira mais bem sucedida; conseqüentemente com maior fluência e o seu desempenho será exponencial ao estar inserido, o máximo de tempo possível, em ambientes que utilizem frequentemente a LE como forma de comunicação nas relações sociais. Nesse sentido, Halliwell (1992, p.8) destaca positivamente o instinto das crianças para interação e fala, ao descrever que: “As crianças precisam conversar. Sem conversar elas não conseguem se tornar

boas nisso. Elas podem aprender sobre a língua, mas a única maneira de aprender a usá-la é usando-a”.

Identificado o período mais favorável para a introdução do indivíduo em uma língua estrangeira, conforme visto anteriormente, as fontes pesquisadas aditivam os cuidados relativos aos recursos didáticos e o importante papel do profissional que trabalhará seu ensino para o público infantil. Moon (2005, p.31) sintetiza o ensino para crianças como uma experiência diferente em razão de que nessa fase elas ainda estão se desenvolvendo cognitivamente, linguisticamente, fisicamente e emocionalmente.

Diferentemente dos adultos, as crianças necessitam de estímulos atrativos a fim de que o ensino e aprendizagem tenham um propósito interessante para aquele momento de suas vidas, haja vista que ainda não possuem discernimento quanto à importância da nova língua.

Ainda de acordo com os autores pesquisados durante a composição deste artigo, há de se considerar, nesse ambiente educacional de ensino de LE para crianças, a ênfase em relação à utilização frequente pelo professor da oralidade na língua alvo, a intensificação das atividades lúdicas e a recorrência constante dos elementos da nova língua em razão da facilidade de esquecimento por parte desse público. Brewster, Ellis e Girard (2002, p.63) corroboram tal consideração ao destacarem que elas precisam constantemente reciclar o que aprenderam para não esquecerem e perceberem também o progresso, mantendo a motivação e ajudando na memorização.

Diante das constatações elencadas nos parágrafos anteriores concernente à faixa etária favorável para o início da aprendizagem de uma LE, assim como também dos principais recursos didático-pedagógicos sugeridos para esse processo educacional, nota-se uma realidade das diretrizes do sistema educacional público brasileiro no tocante ao ingresso do ensino obrigatório da língua inglesa distante do que sugere a bibliografia presente neste trabalho. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) estabelece a obrigatoriedade da oferta de língua inglesa tão somente a partir do 6º ano do Ensino Fundamental; sendo assim, a educação anterior a essa etapa educacional, caberá opcionalmente a cada estado e/ou município incluir o ensino da língua estrangeira na proposta curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental - Fase I.

Nessa perspectiva, o cenário da educação pública brasileira deixa por conta dos pais cuja pretensão seja de oferecer aos filhos a oportunidade de aprendizagem de uma LE, a necessidade de buscar alternativas que visem fluência quando atingirem a juventude. Dentre elas, muitas famílias matriculam seus filhos em escolas de idiomas ou em escolas particulares que ofereçam línguas estrangeiras desde a Educação Infantil, ou ainda, procuram escolas públicas municipais que forneçam o ensino de LE desde os primeiros anos de vida.

Em se tratando dessa última opção, é importante lembrar que o programa de

ensino de LE elaborado pelos municípios necessita estar integrado àquele do Ensino Fundamental obrigatório a partir do 6º ano gerido pelos estados, a fim de evitar retardo na aprendizagem dos alunos quando ingressarem nessa série educacional.

Por fim, as opiniões dos pesquisadores, tratados neste artigo, são unânimes quanto ao valor em dominar uma língua estrangeira o mais cedo possível. Além da importância da aprendizagem de LE, procurou-se ressaltar desde os primeiros anos de vida, mas também as vantagens da escolha da língua inglesa dentre as demais, tendo em vista tratar-se da língua mais utilizada no mundo e certamente as oportunidades aos indivíduos falantes desse idioma serão, por conseguinte, bem maiores do que aos que apresentarem somente o domínio da LM.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a revisão bibliográfica examinada, no presente trabalho, é possível afirmar que o contato com a LE logo na Educação Infantil bem como nos primeiros anos do Ensino Fundamental se faz bastante frutífero, pois é de se esperar que o aprendiz seja capaz de utilizar o conhecimento construído nas interações como alicerce para desempenho superior no momento em que estiver nas séries finais do Ensino Fundamental, além de contribuir para o fortalecimento de sua aprendizagem nas etapas posteriores.

Digno de nota é que a realidade do ensino de inglês como língua estrangeira na Educação Básica pública brasileira caminha em direção adversa à idade mais favorável para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Como se pode comprovar, a introdução da disciplina somente após o 6º ano do Ensino Fundamental tende a continuar comprometendo seriamente o futuro dos jovens brasileiros caso não se adote medidas como, por exemplo: - revisão nas políticas educacionais vigentes e tocantes à fase introdutória da língua inglesa no currículo da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio; - formação e capacitação continuada dos profissionais que atuam no ensino da língua estrangeira; - revisão do material didático adequado às diferentes faixas etárias.

Nesse contexto da escola pública brasileira, outra dificuldade surge para aquelas crianças que tem oportunidade de iniciar o processo de ensino e aprendizagem da LE na infância, pois ao ingressarem no Ensino Fundamental - Fase II não tem a continuidade em tal processo, sendo que o material didático e os conteúdos tratados em sala de aula remetem à fase inicial e não à sequência de *input* que seria necessária para dar continuidade ao nível de competência linguística já adquirida. Assim, não havendo condições coerentes para a transição na grade curricular desta etapa educacional, a criança em contato com a LE na infância, e que no Ensino Fundamental mantiver o estudo somente nas aulas do ensino regular, poderá sofrer uma estagnação no processo, podendo acarretar desmotivação e até mesmo resultar em desistência na aprendizagem de uma nova língua.

A fim de resolver esse problema, torna-se necessária uma melhor articulação e principalmente uma revisão entre as propostas curriculares das secretarias de educação municipal e estadual, tornando, dessa forma, o ensino gradual com a devida continuidade dos conteúdos.

Ainda retomando os aspectos positivos da aprendizagem de uma língua estrangeira na infância, pode-se constatar também que um dos fatores que justificam e diferenciam o ensino “precoce” de crianças e o ensino “tardio” de adultos, relaciona-se à concepção de que a criança é mais proficiente na língua estrangeira, pois a estrutura cognitiva de uma criança é maleável, disponível, mais sensível e mais preparada para a aquisição de novos idiomas.

Por último, faz-se necessário ressaltar que as ideias apresentadas neste trabalho, de que o ensino de LE iniciado na fase infantil se revela mais favorável, não exclui a possibilidade de aprendizagem tanto de adolescentes como de adultos. Fica, portanto, a comprovação de que este processo, quando iniciado o mais cedo possível, apresenta maiores possibilidades de resultados bem mais satisfatórios.

## REFERÊNCIAS

ANTONINI, A. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de 1ª e 4ª séries do Ensino Fundamental**. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

BRASIL. Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, entre outras providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BREWSTER, J.; ELLIS, G.; GIRARD, D. **The Primary English Teacher’s Guide**. London: Penguin, 2002.

CAMERON, L. **Teaching English to Young Learners**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CONSOLO, D. A. Revendo a oralidade no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. In: **Revista de Estudos Universitários** (Sorocaba), Sorocaba – SP, v.26, n.1, 2000. p.59-68.

COOK, G. Language Play, Language Learning. **ELT Journal**, n.51. 1997, p.224-231.

DIDONET, Vital. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Editora Plano, 2000.

FIGUEIREDO, F. Aquisição e aprendizagem de segunda língua. **Revista Signótica**, 7(1), set. 2009. p.39-58.

GIMENEZ, T.; SERAFIM, J.; SALLES, M.; ALONSO, T. Referências recentes sobre língua inglesa, mídia e escola no contexto brasileiro. **Linguagem & Ensino (UCPel)**, Pelotas, v.9, n.1, 2006, p.251-266.

HALLIWELL, S. **Teaching English in the Primary Classroom**. Harlow: Longman, 1992.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**, Florianópolis, v.12, n.22, jan. 1994,

p.105-128.

KRASHEN, S.; TERRELL, T. D. **The Natural Approach**: Language Acquisition in the Classroom. Oxford, Pergamon, 1983.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LENNEBERG, E. H. **Biological Foundations of Language**. New York: John Wiley and Sons, 1967.

LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. **How languages are Learned**. Oxford, 1999.

MACHADO, R. O. A. **A fala do professor de inglês como língua estrangeira**: alguns subsídios para a formação do professor. 496 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1992.

MACKEY, F. **Bilinguisme et contact des langues**. Paris: Klincksieck, 1983, p. 308-309.

MOON, J. **Teaching English to Young Learners**: The Challenges and the Benefits. In: English! Winter, n.5, 2005.

PAIVA, V. L. M. O. (Org.). **Ensino de Língua Inglesa**: reflexões e experiências. Campinas: Pontes; Minas Gerais: UFMG, 1996.

PENFILDE, W.; ROBERTS, L. **Speech and brain mechanisms**. New York: Atheneum, 1959.

PIRES, S. S. **Vantagens e desvantagens do ensino de língua estrangeira na educação infantil**: um estudo de caso. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SIQUEIRA, Sávio. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. **Revista Inventário**, n.4, jul. 2005.

TREVISAN, S. **O ensino de língua inglesa nas primeiras séries do ensino fundamental**: apontando justificativas, traçando objetivos e adaptando atividades de um livro didático. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook. Apresentação de Néelson Jahr Garcia. 2001.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**ADRIANA DEMITE STEPHANI** - Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa: Métodos e Técnicas de Produção de Textos. Mestrado e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é docente (Adjunto III) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias, e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras e Pedagogia com ênfase em Ensino de Língua e Literatura e outras Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Letramentos, Arte e ensino, Arte Literária, Literatura e ensino, Literatura e recepção, Literatura e outras Artes, Leitura e formação, Leitura e Escrita Acadêmica e Literatura infanto-juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Recepção (LER), em parceria com docentes da UEG e UnB. Avaliadora do Inep/MEC de cursos de Letras e Pedagogia.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 2, 4, 5, 7, 8, 9, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 42, 43, 53, 55, 60, 61, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 76, 78, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 181, 182, 191, 192, 194, 197, 200, 201, 202, 210, 215, 216, 217, 218, 221, 226, 237

Aprendizagem significativa 13, 15, 22, 61, 121, 151, 154, 155, 156, 161, 162, 217

Arquétipos 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178

Arte 19, 39, 107, 168, 181, 183, 185, 186, 189, 190, 196, 204, 246

Atualização 109, 113

Autonomia 19, 22, 32, 34, 48, 50, 53, 78, 80, 89, 107, 109, 111, 114, 115, 119, 144, 214, 215, 218, 224

### B

BNCC 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 184, 190, 205, 206, 210

### C

Card games 163

Complexidade 2, 10, 17, 41, 117, 119, 165, 192, 228

Coordenador pedagógico 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107

Criança 7, 45, 126, 128, 129, 131, 135, 136, 145, 148, 153, 183, 205, 206, 207, 208, 210, 227

Curadoria 191, 193, 196, 197, 200, 201, 202

Currículo 2, 6, 12, 13, 14, 15, 22, 46, 53, 55, 56, 59, 60, 66, 79, 89, 104, 107, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 120, 132, 135, 146, 191, 192, 201, 206, 211, 220, 221, 222, 230, 240, 244

### D

Democracia 73, 74, 77, 78, 80, 83, 145, 228

Design de personagens 163

Desigualdades 24, 28, 29, 34, 42, 87, 138, 139, 143, 144, 145

Didática 5, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 43, 55, 61, 62, 63, 68, 89, 194, 195, 201

Disco 147, 148, 149

Docência 13, 14, 15, 16, 18, 22, 23, 54, 62, 96, 115, 116, 125, 227, 229

### E

Educação básica 3, 6, 9, 10, 54, 60, 61, 100, 107, 109, 110, 115, 117, 120, 123, 135, 139, 180, 181, 220, 221

Educação de jovens e adultos 91, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 223

Educação profissional 212, 213, 215, 216, 217, 218

Ensino de história 191, 193, 194, 195, 198, 200, 201, 230

Ensino de língua inglesa 64, 137

Ensino de química 52, 53, 57

Ensino e aprendizagem 15, 18, 19, 20, 22, 65, 85, 95, 104, 126, 128, 129, 133, 134, 135

Escola 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 18, 24, 27, 39, 45, 50, 57, 58, 59, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 135, 136, 139, 140, 145, 147, 148, 149, 150, 180, 181, 183, 192, 193, 194, 195, 200, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 221, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238

Estudo 13, 15, 16, 18, 24, 25, 26, 28, 36, 38, 39, 42, 45, 52, 54, 55, 56, 61, 62, 63, 68, 73, 85, 87, 103, 106, 122, 133, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 156, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 178, 182, 188, 195, 211, 212, 214, 216, 217, 219, 220, 222, 226, 232, 234, 236, 237, 238

## F

Filosofia 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 181, 217

Formação de professores 1, 4, 6, 9, 64, 65, 68, 71, 95, 106, 116, 145, 146, 202, 219, 222, 223, 229, 246

Formação inicial 3, 7, 9, 10, 64, 65, 66, 70, 71, 143

## G

Game design 151, 158, 159, 160, 161, 163, 178, 179

Games 151, 152, 154, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 179, 181, 191, 192, 193, 195, 203

Gênero 3, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 70, 71, 72, 115, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 181, 184, 185, 198

Gestão escolar 55, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 93, 95

Gestor escolar 55, 58, 73, 74, 75, 78, 79, 81, 83, 84

## H

Histórias em quadrinhos 180, 181, 182, 183, 184, 188, 189, 190

## I

Imaginação 131, 183, 189, 194, 204, 205

## J

Jogos 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 216, 217

Jogos digitais 160, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202

## L

Licenciatura em química 52, 55

Língua estrangeira 72, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 136, 137

Linguagem multimídia 180, 181, 182



## **M**

Material didático 67, 68, 70, 72, 122, 135, 147, 155  
Maternidade 24, 25, 26, 28, 30, 31, 33, 34, 86  
Metodologias ativas 19, 22, 212, 214, 216, 217, 218

## **N**

Narrativa 31, 32, 125, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 176, 177, 178, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 195, 198, 200, 203  
Natureza 8, 11, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 75, 112, 118, 132, 140, 160, 162, 170, 192, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 221

## **P**

Participação 4, 14, 15, 19, 26, 29, 31, 45, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 73, 77, 80, 81, 82, 99, 104, 113, 139, 143, 144, 145, 161, 172, 183, 214, 236  
Pedagogia 4, 12, 14, 19, 22, 36, 40, 41, 42, 43, 46, 49, 50, 70, 78, 79, 91, 95, 100, 107, 125, 138, 140, 142, 143, 146, 204, 217, 218, 246  
Portfólio 13, 14, 15, 19, 22  
Prática educativa 1, 2, 22, 39, 40, 62, 90, 99, 103, 107, 114  
Profissionalidade 1, 7

## **R**

Reestruturação 4, 12, 109, 111, 114, 143, 144  
Reflexão 1, 14, 15, 30, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 47, 48, 61, 65, 66, 70, 78, 90, 97, 99, 103, 107, 110, 113, 114, 192, 201, 210, 217, 224, 225, 226, 229

## **S**

Serviço social 24, 25, 26, 28, 34, 35

## **T**

Tecnologias educacionais 212  
Trabalho 1, 2, 4, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 45, 54, 67, 68, 71, 73, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 97, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 112, 114, 115, 117, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 160, 161, 174, 190, 192, 204, 208, 213, 215, 216, 224, 225, 226, 228, 229, 233, 235, 236, 238

## **W**

Webcurrículo 191

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-738-3



9 788572 477383